

Filosofía Latino-americana: decolonialidade, emancipação e interculturalidade

Ofélia Maria Marcondes
Instituto Federal de São Paulo – IFSP
ofelia@ifsp.edu.br

Resumen:

Reflexionar sobre la filosofía y la educación desde los debates sobre la decolonialidad nos obliga a pensar en la interculturalidad como metodología y la emancipación como fin. Es en este sentido que este trabajo pretende presentar un breve panorama de cómo el debate decolonial, su epistemología y su alcance permean la filosofía latinoamericana. El estudio analítico-bibliográfico nos lleva a mencionar a autores como Dussel y Zea con el fin de sistematizar un pensamiento basado en debates sobre la decolonialidad. En cuanto a la filosofía latinoamericana, he estado trabajando en el debate entre Zea y Salazar Bondy sobre la originalidad y autenticidad del pensamiento producido desde las circunstancias latinoamericanas, pois la filosofía es una reflexión sobre problemas concretos, de personas concretas, en circunstancias dadas. Circunstancias, desde la perspectiva de Zea, y la problematización de la cultura, cuestión planteada por Dussel, cuyo eje es la liberación cultural ya que enfatiza que la cultura popular es la tradición del pueblo oprimido y sacarlo del silenciamiento epistemológico impuesto por la colonialidad es hacerlo protagonista de sus propias circunstancias, siendo el diálogo intercultural el instrumento de la Filosofía de la Liberación. Sólo en posesión de esta conciencia estaremos llevando a cabo una epistemología decolonial. Así, una educación decolonial es posible en la medida de una interculturalidad crítica que apunta a la emancipación y formación de sujetos críticos. Una educación con esta base decolonial, con un diálogo intercultural y con miras a la emancipación tiene como respuesta una práctica educativa y la construcción de un currículo antirracista, antisexista y antipatriarcal.

Palabras clave: Filosofía latinoamericana, Filosofía de la liberación, interculturalidad, decolonialidad, educación.

Resumo:

Refletir sobre filosofia e educação a partir dos debates sobre decolonialidade nos exige pensar sobre interculturalidade como uma metodologia e emancipação como um fim. É neste sentido que este trabalho objetiva apresentar um breve panorama sobre como o debate decolonial, sua epistemologia e seu escopo permeiam a filosofia latino-americana. O estudo analítico-bibliográfico nos leva a mencionar autores como Dussel e Zea de modo a sistematizar um pensamento com base nos debates sobre decolonialidade. Em se tratando de filosofia latino-americana, venho trabalhando no debate entre Zea e Salazar Bondy no que se refere à originalidade e à autenticidade do pensamento produzido a partir das circunstâncias latino-americanas, pois a filosofia é reflexão sobre problemas concretos, de pessoas concretas,

em dadas circunstâncias, na perspectiva de Zea, e a problematização da cultura, questão posta por Dussel, cujo fulcro é a libertação cultural já que se coloca em relevo que a cultura popular é a tradição do povo oprimido e tirá-lo do silenciamento epistemológico imposto pela colonialidade é torná-lo protagonista de suas próprias circunstâncias, sendo o diálogo intercultural o instrumento da Filosofia da Libertação. Somente de posse desta tomada de consciência é que estaremos efetivando uma epistemologia decolonial. Assim, é possível uma educação decolonial na medida de uma interculturalidade crítica que vise a emancipação e a formação de sujeitos críticos. Uma educação com essa base decolonial, com um diálogo intercultural com vistas à emancipação tem como resposta uma prática educativa e a construção de um currículo antirracista, antissexista e antipatriarcal.

Palavras-chave: Filosofia Latino-americana, Filosofia da Libertação, interculturalidade, decolonialidade, educação.

Abstac:

Reflecting on philosophy and education from the debates on decoloniality forces us to think of interculturality as a methodology and emancipation as an end. It is in this sense that this paper aims to present a brief overview of how the decolonial debate, its epistemology and its scope permeate Latin American philosophy. The analytical-bibliographic study leads us to mention authors such as Dussel and Zea in order to systematize a thought based on debates on decoloniality. Regarding Latin American philosophy, I have been working on the debate between Zea and Salazar Bondy on the originality and authenticity of thought produced from Latin American circumstances, because philosophy is a reflection on specific problems, of specific people, in given circumstances. Circumstances, from the perspective of Zea, and the problematization of culture, an issue raised by Dussel, whose axis is cultural liberation since it emphasizes that popular culture is the tradition of the oppressed people and to remove it from the epistemological silencing imposed by coloniality is to do it protagonist of their own circumstances, with intercultural dialogue being the instrument of the Philosophy of Liberation. Only in possession of this awareness will we be carrying out a decolonial epistemology. Thus, a decolonial education is possible to the extent of a critical interculturality that aims at the emancipation and formation of critical subjects. An education with this decolonial base, with an intercultural dialogue and with a view to emancipation, has as its response an educational practice and the construction of an anti-racist, anti-sexist and anti-patriarchal curriculum.

Keywords: Latin American philosophy, philosophy of liberation, interculturality, decoloniality, education.

O presente trabalho se propõe como uma introdução à Filosofia Latino-americana e se dá a partir de três temas ou eixos: a Filosofia da Libertação, a Interculturalidade e o Pensamento Decolonial, permitindo a reflexão sobre a possibilidade, a originalidade, a identidade e a autenticidade da produção filosófica na América Latina referendada pelas condições históricas do pensamento latino-americano. Com isso, busca-se oferecer referências teóricas para a reflexão sobre a educação a partir das relações socioculturais presentes no contexto da América Latina. É uma abordagem histórico-reflexiva que abarca a problemática da questão posta por Salazar Bondy (1968) e respondida por Leopoldo Zea (2010) sobre a originalidade e autenticidade da filosofia latino-americana, apresentando aspectos da Filosofia da Libertação inaugurada por Zea e desenvolvida, ampliada, aprofundada, debatida e disseminada por Enrique Dussel. A produção epistêmica na América Latina, em seus primórdios, assume a filosofia europeia como aquela filosofia sistêmica e universal como instrumental para a solução de problemas latino-americanos. Nas palavras de José Vasconcelos, não é possível a existência de uma filosofia latino-americana por não fazer sentido uma filosofia desconectada da universalidade da cultura (Carvalho, 2013, p. 183). Zea, porém, afirma que dizer da impossibilidade de latino-americanos produzirem filosofia é duvidar da capacidade de analisar os problemas dos seres humanos, de conhecer e de produzir conhecimento, de comunicar ideias e pensamentos construídos a partir de seus problemas concretos; é a tomada de consciência das situações de dominação que estão na base da Filosofia da Libertação.

Neste trabalho apresentamos brevemente as bases dessa produção filosófica tendo como ponto de partida sua principal temática que é a filosofia entendida como reflexão sobre esses problemas concretos, de pessoas concretas, em dadas circunstâncias, na perspectiva de Zea, e a problematização da cultura, questão posta por Dussel (2016), cujo fulcro é a libertação cultural já que se coloca em relevo que a cultura popular é a tradição do povo oprimido e tirá-lo do silenciamento epistemológico imposto pela colonialidade é torná-lo protagonista de suas próprias circunstâncias, sendo o diálogo intercultural o instrumento da Filosofia da Libertação.

As relações de dependência são sempre verticais, o que dificulta, e até mesmo impede, qualquer mudança de pensamento na direção da superação das relações de dominação. Para Zea, a tomada de consciência desta situação é justamente o início dos processos de libertação e de uma Filosofia da Libertação. Na história da América Latina se observa a libertação de

uma situação de dependência ou dominação para se aceitar outra, parecendo haver uma cadeia sem fim de processos de dominação travestidos de libertação. Segundo Zea, um pensar filosófico para a libertação não pode depender de uma certa mudança histórica “transcendental”, esperando que haja uma superação das relações de dominação e de subdesenvolvimento para então se fazer filosofia. Pelo contrário, a filosofia no sentido da libertação começa com a tomada de consciência dessas relações de dominação; e a própria libertação somente se constituirá efetiva a partir dessa tomada de consciência e do efetivo diálogo com as circunstâncias latino-americanas, no nosso caso. Exige-se, portanto, uma reflexão sobre a realidade.

E é neste sentido que Zea (1974, p. 178) afirma sobre o quefazer filosófico autêntico na América Latina: “Uma autenticidade que não pode depender da superação do subdesenvolvimento, mas deve precedê-lo como consciência”. O quefazer filosófico torna-se crítica aos centros de poder que originam, por assim dizer, um pensamento de dependência e as próprias relações de dominação. Não é possível se partir de um nada para se construir e fazer uma filosofia autêntica, pois temos um passado colonial e dependente; um passado que não pode ser negado, mas que é caminho para a filosofia da libertação.

Falar de uma libertação é falar da libertação de todos os seres humanos de qualquer relação de dominação ou opressão, porque, nas palavras de Zea, somos todos seres humanos concretos e que devemos viver uma vida sem qualquer discriminação. A libertação é para todos. A Filosofia da Libertação, que nasce na América Latina, não pode, e não deve, a esta ficar circunscrita, assim como não se resume a vislumbrar a possibilidade de progresso como uma promessa feita no passado, o desenvolvimento alcançado e vivenciado hoje e a libertação como projeção de futuro. Aqui é que considero o pensamento de Zea um pensamento decolonial, pois, tomando Mignolo (2007) como referência, a decolonialidade é ação presente, é o modo de sentir, pensar e ser próprio destas circunstâncias, sem ser cópia do pensamento e da ideologia do colonizador, antes portugueses e espanhóis, e mais recentemente, norte-americanos e russos, sem dizer da presença inequívoca do pensamento europeu. Cito Zea:

no projeto de libertação e felicidade do latino-americano deve expressar também o projeto de uma libertação total do homem. [...] A própria libertação deverá incluir a libertação dos homens. Uma extensão da libertação, mas em um plano que não implique dependência alguma, não se trata de que uns homens libertem a outros



homens, de um problema de solidariedade, mas em que uns a outros se libertem e alcancem em conjunto a felicidade. (Zea, 1974, p. 184)

A Filosofia da Libertação é obra dos seres humanos e para seres humanos, é expressão de seus criadores, enquanto cultura, de sua humanidade, enquanto história, resultante do diálogo com as circunstâncias. Cultura e filosofia, para Zea, são expressões do quefazer humano, de seu próprio modo de ser e em busca da liberdade e da felicidade.

Zea finaliza seu artigo intitulado *Dependência e libertação na filosofia latino-americana* afirmando que

A filosofia da libertação há de ser filosofia que salve ao homem, a qualquer homem, da alienação imposta ou autoimposta. Que o salve como totalidade, sem amputação do passado, nem do futuro. [...] Tomada de consciência plena, com unidade do que foi, do que está sendo e o que deseja ser. Unidade do humano em contínua realização. Realização consciente através da qual se vá tornando expressa a sonhada liberdade. (Zea, 1974, p. 188)

Ao longo do século XX, no bojo das discussões étnico-culturais e numa perspectiva da antropologia filosófica, surgem os debates sobre a interculturalidade, principalmente a partir do pensamento de Raúl Fonet-Betancourt (2007). A filosofia intercultural é um diálogo aberto e convergente que busca dignificar todas as tradições humanas em cooperação. Resulta desse diálogo intercultural e polifônico a evidência da pluralidade epistemológica da produção humana em sua complexidade e em seus contextos culturais periféricos, já que o centro é a Europa. O diálogo intercultural reconhece o valor da cultura do outro; é a alteridade a base ética para a interculturalidade; é uma filosofia comprometida com a justiça social, traduzindo o compromisso político da filosofia. Nas palavras de Fonet-Betancourt (2007), a interculturalidade é oposição à globalização e ao capitalismo, pois essas formas ideológicas não são plurais, ferindo a dignidade humana e impedindo a comunicação entre as diversas comunidades culturais que constituem a humanidade.

A trajetória deste trabalho nos leva à necessidade da compreensão dos debates decoloniais.

Ballestrin, em sua investigação sobre o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), afirma que

Dentre as contribuições consistentes do grupo, estão as tentativas de marcar: (a) a narrativa original que resgata e insere a América Latina como o continente fundacional do colonialismo, e, portanto, da modernidade; (b) a importância da América Latina como primeiro laboratório de teste para o racismo a serviço do colonialismo; (c) o reconhecimento da diferença colonial, uma diferença mais difícil de identificação empírica na atualidade, mas que fundamenta algumas origens de outras diferenças; (d) a verificação da estrutura opressora do tripé colonialidade do poder, saber e ser como forma de denunciar e atualizar a continuidade da colonização e do imperialismo, mesmo findados os marcos históricos de ambos os processos; (e) a perspectiva decolonial, que fornece novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, em diálogo com a produção de conhecimento. (Ballestrin, 2013, p. 110)

Entendo que estivemos – e ainda estamos – num processo de colonização dos saberes, dos corpos, dos poderes, de modo em que a América Latina viveu – e ainda vive –, mergulhada em relações de subalternidade e silenciamento dos povos periféricos, o que nos leva a perseguir as questões postas por Catherine Walsh (2009): o que se entende por interculturalidade, colonialidade e decolonialidade e como pensar uma educação intercultural que permita a ação crítica? A modernidade traz consigo a colonialidade: ação que envolveu a posse de terras, a expansão do poder europeu, a imposição de uma razão universal; foi uma conquista epistêmica, uma ideologia imposta pela expansão territorialista. As práticas coloniais promoveram o silenciamento dos povos originários e dos povos afrodescendentes; silenciamento que se estendeu aos povos mestiços, negando-lhes sua história e sua tradição, o que impede o intercâmbio de saberes, de valores, de práticas sociais e culturais. O diálogo intercultural não está apenas no contato e na relação interpessoal, encobrendo as estruturas da sociedade e evidenciando as diversas culturas, ou seja, não se resume a por a foco a diversidade cultural, promovendo apenas a tolerância e a convivência com vistas à mera inclusão desses povos à estrutura social vigente, favorecendo o avanço do capitalismo, da globalização e da coesão social. Do ponto de vista dos debates decoloniais, o diálogo intercultural necessita ser crítico, tornando-se um projeto social, epistemológico e político, levando os povos periféricos a atuarem em suas circunstâncias, modificando a lógica da colonialidade que desumaniza e subalterniza. A decolonialidade objetiva dar visibilidade aos problemas advindos da colonialidade e propondo um enfrentamento crítico dessa matriz colonial de poder que utiliza a ideia de raça como instrumento de controle social, tendo como



base o capitalismo centrado na modernidade e nas relações político-econômicas com a Europa e com os Estados Unidos. Esse modelo colonial e moderno descarta e desqualifica os modos de vida e de pensar dos povos originários e mestiços, calcando o pensamento moderno nas ciências, na filosofia e nas religiões cristãs, construindo uma razão centrada no indivíduo, no liberalismo econômico, no bem-estar individual. Portanto, o diálogo intercultural é aquele que favorece e estimula a interrelação entre saberes, culturas, racionalidades, lógicas de pensar, de sentir e de agir.

Assim, este trabalho apresenta um panorama da filosofia latino-americana no século XX e seus desdobramentos atuais com fito a compreender a interculturalidade como um projeto político-epistêmico, de modo a contribuir para se pensar uma educação emancipadora e dialógica que corresponda a um novo ordenamento social mais horizontal. Uma virada epistemológica, também teórica e política, necessária para se alterar a educação deve ter como chave o pensamento decolonial, construindo uma crítica ao patriarcado e do que dele decorre como o sexismo e o racismo. Há de se colocar em pauta uma educação dialógica e intercultural que ofereça oportunidades de formação para a autonomia e para o pensamento crítico.

Obras consultadas

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política** [online]. 2013, n. 11, pp. 89-117. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Epub 10 Jul 2013. ISSN 2178-4884. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em 26 junho de 2018.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global** / compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CARVALHO, Eugênio R. de. A polêmica entre Leopoldo Zea e Augusto Salazar Bondy sobre a existência de uma filosofia americana (1968-1969). **Ideias**. UNICAMP: v. 4, n. 2, pp. 181-202, 2013. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649389>. Acesso em 26 junho de 2018.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Soc. estado.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, abr. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100051&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 26 junho de 2018.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. La filosofía intercultural desde una perspectiva latinoamericana. **Solar**, nº 3, año 3, Lima, 2007, p. 23-40. Recuperado a partir de <http://red.pucp.edu.pe/ridei/libros/la-filosofia-intercultural-desde-una-perspectiva-latinoamericana/>.

SALAZAR BONDY, Augusto. **¿Existe una filosofía en nuestra América?** México, D. F.: Siglo XXI editores, 1968.

Zea, Leopoldo. Dependencia y liberación en la filosofía latinoamericana. **Revista de filosofía DIÁNOIA**, 20(20), 172–188. Recuperado a partir de [doi:https://doi.org/10.22201/iifs.18704913e.1974.20.999](https://doi.org/10.22201/iifs.18704913e.1974.20.999)

Zea, Leopoldo. **La filosofía americana como filosofía sin más**. México, D. F.: Siglo XXI Editores, 2010.

WALSH, Catherine. Interculturalidad colonialidad y educación. **Revista Educación Y Pedagogía**, 19(48), 25-35. Recuperado a partir de <https://revistas.udea.edu.co/index.php/revistaeyp/article/view/6652>